

# FLORENCIA BONELLI

O feitiço da água

Só se torna dona de seu destino  
aquela que entende a si mesma

 essência



# FLORENCIA BONELLI

## O feitiço da água

Só se torna dona de seu destino  
aquela que entende a si mesma

*Tradução*

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Florencia Bonelli, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *El Hechizo del Agua*

Preparação: Diego Franco Gonçalves  
Revisão: Mariana Rimoli e Ligia Alves  
Diagramação: Márcia Matos  
Capa: Departamento de Arte do Grupo Editorial Planeta  
Adaptação de capa: Fabio Oliveira  
Imagem de capa: Boiko Olha/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bonelli, Florencia

O feitiço da água / Florencia Bonelli; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta, 2021.

ISBN 978-65-5535-598-7

Título original: El Hechizo del Agua

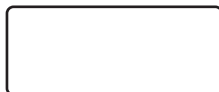
1. Ficção argentina I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

21-5230

CDD Ar863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção argentina



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

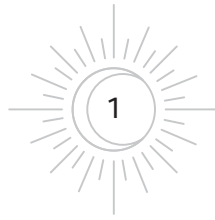
TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PRIMEIRA PARTE

# Voltando (a Buenos Aires)

*O que está em cima é como o que está embaixo.*

Excerto de *O Caibalion*, de Hermes Trismegisto,  
sábio da Antiguidade.



*Domingo, 7 de julho de 2019.*

O garoto devia ter no máximo uns quinze, dezesseis anos, e viajava sozinho, a julgar pela plaquinha com o logo da Iberia que levava ao pescoço e dizia: “Menor não acompanhado”. Estava sentado ao lado dela, na classe econômica do voo Madri–Buenos Aires que aterrissaria em poucas horas em Ezeiza.

A princípio ela não reparou nele, absorta na ideia de que não chegaria a tempo à sua cidade natal. Mas algo a distraiu. Foi o fundo de tela do celular do adolescente, uma foto, o rosto sorridente do cantor Diego Bertoní, líder da banda de rock argentina DiBrama, que estava em primeiro lugar nas paradas nos países hispanófonos.

Por que ainda se surpreendia com o fato de acontecerem coisas insólitas com ela? Com ascendente em Aquário, regida por Urano, mais conhecido como “o louco”, sua vida sempre fora e continuaria sendo marcada por eventos inesperados e, especialmente, desconcertantes, muitas vezes dolorosos. Tentou deixar para lá e se convenceu de que não era tão absurdo que um adolescente tivesse a foto do ídolo juvenil do momento.

O fundo de tela desapareceu para dar vida ao Spotify. Ela estranhou que o garoto tivesse conexão com a internet, um serviço caro nos aviões.

Os dedos do adolescente moviam-se com agilidade na busca entre as opções oferecidas. Agora que o observava, ela notou que ele tinha o mesmo corte de cabelo de Bertoní: as têmporas raspadas e o topo da cabeça coberto por um cabelo castanho, liso e bem comprido, preso em um rabo de cavalo, como o músico. Ela se perguntou se, assim como Bertoní, ele às vezes usava um coque. E não teve dúvida de que, se não fosse imberbe, teria uma barba espessa mas bem recortada, como a de seu ídolo.

Ela fechou os olhos, em um ato ineficaz que pretendia apagar as lembranças. Inspirou para aquietar a pulsação, sem grandes resultados. Abriu o

Kindle e começou a ler o livro da astróloga americana Donna Cunningham, *Plutão no seu mapa astrológico*. Estava na parte de Plutão na Casa II, mas o que lhe interessava era chegar à casa VII, a dos relacionamentos. Apertou os lábios, contrariada. O garoto ao seu lado não tinha nada a ver com a onda de memórias e lembranças que a estava assaltando. Que a acoitava todos os dias já fazia muito tempo – tempo demais, para dizer a verdade. Quase lera Plutão na Casa VII assim que comprara o livro, na semana anterior. E tudo porque era onde estava o Plutão *dele*.

O avião se sacudiu brusca e repentinamente. O alerta do cinto de segurança se acendeu com um aviso sonoro e, a seguir, a voz do comandante inundou a aeronave para anunciar que estavam atravessando uma zona de turbulência.

Ela abandonou o Kindle para fechar o cinto. Notou, então, que o adolescente se agarrava aos braços da poltrona e mantinha o olhar fixo à frente, com uma careta crispada. Pelos músculos ressaltados de sua mandíbula, notava-se a pressão que exercia com os dentes.

A compaixão própria de seu signo – o último do Zodíaco, o da constelação de Peixes – a dominou. Mais que compaixão, como lhe havia explicado Cecília Digiorgi, sua astróloga e mentora, ela, como filha de Peixes, sentia a dor alheia em seu próprio ser. Hipersensibilidade netuniana – era como a chamava –, porque o planeta Netuno era o regente de Peixes.

— Não é fácil ser pisciano neste mundo tão hostil, querida Brenda — prevenira-a Cecília mais de três anos antes, ao ler seu mapa astral. — Aliás é muito difícil — concluía, reforçando o advérbio *muito*.

Apertou seu cinto e pôs a mão sobre a do garoto, que estava rígida. Ele girou bruscamente a cabeça e lhe destinou um olhar apavorado.

— Já vai passar — animou-o com um sorriso. — É só um minutinho.

Uma nova sacudida a fez pular da poltrona; se não estivesse se segurando, teria caído. Não se lembrava de uma turbulência tão violenta. O adolescente apertou-lhe a mão até doer; ela aguentou firme. As sacudidas passaram poucos minutos depois.

— Obrigado — murmurou o garoto, com voz dissonante, e soltou sua mão.

— De nada. É a primeira vez que pego uma turbulência tão forte. Dá muito medo, né? Tome um pouco de água — sugeriu ela, e

apontou para a garrafinha que havia no bolso da poltrona da frente.  
— Vai te fazer bem.

O adolescente obedeceu. O desconforto dele era evidente; estava mal por ter revelado seu medo. Ela podia ler a mente do jovem e sentir o mesmo que ele sentia. Mas o deixaria em paz. Pegou o Kindle de novo, pronta para retomar a leitura.

— Qual é o seu nome?

— Brenda. E o seu?

— Francisco. Quantos anos você tem?

— Vinte e três. E você?

— Quase dezesseis. Estou viajando sozinho — acrescentou depressa, e Brenda reprimiu um sorriso diante da ostentação de orgulho.

Francisco também lhe contou que era portenho, mas morava em Madri com a mãe havia dois anos. Estava voltando à Argentina, aproveitando o verão europeu para passar os meses de férias com o pai, que havia prometido levá-lo para esquiar em Las Leñas.

— Ele também vai me levar ao show do DiBrama — contou, com uma esperança enternecedora. — Já comprou os ingressos. Comprou faz meses, assim que El Moro anunciou que encerrariam a turnê pela América Latina em Buenos Aires. — Havia chamado Diego Bertoni pelo apelido, El Moro. — Esgotaram em poucas horas. Conhece o DiBrama, né? — Brenda assentiu. — Claro, quem não conhece? São demais! A música nova, “La Balada del Boludo”, está em primeiro lugar nas paradas. Já ouviu? — Brenda assentiu de novo, embora não fosse verdade. — Adoro. É meio uma balada romântica, meio reggaeton, meio indie rock. É demais. E aquele começo de violino... Que gênios!

— Você entende muito de música.

— Quero ser músico — declarou ele. — El Moro é minha inspiração. E Manu um pouco. Sabe quem é Manu? — Não deu a ela tempo de assentir. — É o baixista da banda, o melhor amigo de El Moro. Rafael também é muito amigo de El Moro, mas ele conhece Manuel desde o jardim de infância. Que legal ter amigos assim! Por isso deram esse nome à banda, DiBrama, por causa do Diego... Esse é o verdadeiro nome do El Moro — explicou —, não sei se você sabia — disse, e de novo prosseguiu sem esperar resposta. — O resto é por causa de

Rafael e Manuel. Ah, e de Brenda. O B é de Brenda. Exato, igual a você! Brenda fazia parte da banda, mas saiu antes que eles ficassem famosos. Não quiseram tirar o B porque disseram que ela sempre estaria com eles. E Rafa disse outro dia que está em maiúscula porque ela era a melhor dos quatro. Mas Brenda não morreu, viu? Só abandonou a música. Tem vídeos com ela no YouTube. Ela e El Moro eram vocalistas. Dizem que ao vivo ela tinha uma voz impressionante. É uma pena que tenha saído. Procurei por ela nas redes sociais, mas não encontrei nada. O nome dela é Brenda Gómez.

— Você sabe tocar algum instrumento?

— Quero aprender os mesmos que El Moro toca: guitarra e piano.

Ele manja *muito*.

— Você o admira bastante, hein?

— Sim, demais. Ele é um gênio como músico e uma ótima pessoa. Veja.

— Acendeu a tela do celular e entrou em seu Instagram, @fran\_pichiotti2003.

— Você tem internet!

— A comissária me deu um cartãozinho com a senha para conectar. Eles dão a senha de graça para o pessoal da classe executiva.

— Você é cheio das regalias.

— É porque estou viajando sozinho, eu acho. Mas veja — insistiu —, há uns meses eu mandei um direct e ele respondeu. Ele mesmo! Meus amigos dizem que foi a secretária que respondeu, mas eu sei que foi ele.

— Como tem tanta certeza?

— Olha só.

Ele procurou o usuário de Diego Bertoni e Brenda viu que tinha dois milhões e meio de seguidores antes que Francisco entrasse em “Enviar mensagem” para mostrar a curta conversa mantida com o ídolo uns meses antes.

— Escrevi para ele porque estava mal — explicou Francisco. — Meu avô tinha acabado de morrer em Buenos Aires e eu não pude ir ao enterro. Contei a El Moro que a música dele, “Todo Tiene Sentido (Excepto que No Estés Aquí)”, me fazia esquecer que meu avô tinha morrido. Olha o que ele respondeu.

Brenda se inclinou sobre a tela oferecida e leu: “Fran, transforme a tristeza pela morte do seu avô em força para fazer algo de que ele se



orgulhasse. Foi o que eu fiz quando meu filho morreu. Eu prometi a ele que me tornaria músico e que ele se orgulharia de mim, e consegui. Um abraço”.

Por que essas coisas tinham que acontecer com ela?, tornou a se perguntar, a um passo de cair no choro. Se havia algo que a astrologia lhe ensinara era que, pelo princípio da correspondência, o que está em cima é como o que está embaixo, o que está dentro é como o que está fora. O que acontecia fora dela correspondia às energias que fervilhavam em seu interior e refletia nelas. De alguma maneira mágica e inexplicável, ela mesma as gerava. Ou talvez o cosmo as enviasse porque ela precisava delas. De qualquer maneira, nada acontecia por acaso. Sem dúvida não era por acaso que, em um avião com centenas de passageiros, aquele garoto estava sentado ao lado dela, mostrando para ela uma mensagem na qual Diego Bertoni mencionava o filho morto.

— Ele nunca fala do filho que morreu — comentou Francisco, enquanto Brenda tentava soltar o cinto. — Nem diz como se chamava.

— Desculpe — ela conseguiu dizer com uma voz estranha, grata por estar sentada em uma poltrona do corredor, o que lhe permitiu uma escapatória rápida. Estava difícil conter as lágrimas.

Ela se trancou no banheiro e se inclinou sobre a pia. Seu longo cabelo castanho deslizou para a frente e escondeu seu rosto. Ela mordia o lábio e apertava os olhos. As letras da mensagem se repetiam em sua mente: “Foi o que eu fiz quando meu filho morreu. Eu prometi a ele que me tornaria músico e que ele se orgulharia de mim, e consegui”. “Nem diz como se chamava”, dissera Francisco.

Ergueu a cabeça com medo, mas se propôs a vencê-lo. Demorou a abrir os olhos. Estava vendo tudo borrado por causa das lágrimas.

— Bartolomé Héctor — gaguejou, sem fôlego. — Esse era o nome do filho dele — sussurrou, quase sem voz.

Brenda cobriu o rosto e começou a chorar. O estrondo das turbinas abafava os espasmos causados pela angústia, e ela deixava vir à tona uma dor profunda e devastadora. Tentava se acalmar, mas era impossível. Endireitou-se e jogou a cabeça para trás. Ficou olhando para o teto do banheiro minúsculo, ainda sem conseguir respirar direito e com a vista turva. Ergueu o punho e o agitou com raiva.

— O que você quer de mim? O quê? Não entendo! Por que faz isso comigo? E o B ficou pelo filho dele, não por mim.

Deu um nó no cabelo e lavou o rosto. Secou-o em movimentos lentos, observando seu nariz vermelho e os olhos injetados.

— Será que um dia essa dor vai passar? — perguntara a Cecília havia não muito tempo.

— Vai diminuir, eu acho. Eu sei que parece vazio, mas o tempo cura as feridas. E se afastar, tomar distância, como você tem feito, também ajuda — acrescentara a astróloga.

Se afastar não havia adiantado, porque a dor vivia nela, se nutria de sua fraqueza e crescia até ocupá-la por completo, tanto que às vezes não a deixava respirar.

Ela saiu do banheiro. Não voltaria para o seu lugar, não ainda. Dirigiu-se à copa. A comissária logo concordou em lhe preparar um chá quando notou sua expressão congestionada. Ela o bebeu ali mesmo, em pé, enquanto folheava a revista da companhia aérea.

— Veja o que eu trouxe para você — disse a comissária, e lhe entregou quatro barras de chocolate com o logo da Iberia. — Vai em frente, pega um pedaço. Depois você vai ver que as coisas não são tão ruins.

— Obrigada, é muita gentileza sua — sussurrou e, embora não estivesse com vontade, comeu, porque sentiu uma fraqueza súbita.

Quando voltou para sua poltrona, Francisco tirou os fones e a contemplou, preocupado.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Já estou melhor — disse ela, largando-se na poltrona; seu corpo doía.

— Foi por minha causa? O marido da minha mãe diz que eu falo muito e deixo as pessoas tontas.

— Não foi por sua causa, de jeito nenhum — respondeu ela, e o olhou nos olhos.

Notou que eram de uma cor indefinida, entre o cinza e o verde. Como os de Diego, pensou, embora os de Diego tivessem uma intensidade única, talvez pelos cílios muito pretos, que lhe conferiam o aspecto de um delineado e eram motivo do apelido “El Moro”.

— Foi a turbulência — mentiu. — Olha o que eu ganhei.

Entregou a ele as barras de chocolate.



— Que legal! Estou com uma fome do caralho. Vixe, desculpe! O marido da minha mãe também diz que eu sou boca-suja.

— Sem drama. Palavrões não me assustam. Anda, come. São seus.

— Não — protestou o garoto. — Só um. É o justo.

— Só um já está bom para mim — afirmou ela, e mostrou a ele o chocolate que havia aberto na copa.

— Obrigado, Brenda!

Comeram em silêncio.

— E aí? — perguntou ela, interessada. — Você fez o que o líder do DiBrama pediu e transformou sua dor em força?

Francisco assentiu, ganhando tempo para engolir.

— Sim, e foi maravilhoso. Eu sabia que o meu avô estava preocupado porque eu não estava indo bem na escola nova de Madri. Eu odiava aquele lugar, sentia falta da escola de Buenos Aires. Toda vez que nos falávamos pelo Skype, ele me perguntava como iam as coisas e eu contava para ele.

— E então?

— Então, depois de ler a mensagem de El Moro, corri atrás do prejuízo e melhorei nas matérias que estavam com notas baixas, que eram quase todas — acrescentou, com um sorriso tímido. — Mas não parei por aí. El Moro disse que tinha prometido ao filho que se tornaria um músico de quem o menino se orgulharia. E eu prometi ao meu avô que me tornaria o melhor aluno, para que ele ficasse orgulhoso.

— E conseguiu?

— Consegui. Este ano fechei com a melhor média da minha turma.

— Que maravilha! — exclamou ela, e estendeu a mão, na qual Francisco bateu com orgulho. — Você deveria escrever para contar tudo.

— Para El Moro?

Brenda assentiu.

— Acho que ele vai adorar saber o quanto ajudou você com as palavras dele.

— Sério? Você acha mesmo? Não quero ser chato. Sou muito fã dele, mas não sou como esses bizzos que ficam stalkeando o cantor favorito.

— Tenho certeza de que ele vai adorar.

*Como bom virginiano*, pensou ela, *ele ama ser útil aos outros*. E se lembrou do que Mabel, avó materna de Diego – a quem chamavam de Lita –,

havia contado a ela. “Desde pequenininho, meu Dieguito só queria ajudar e ser útil. Assim como agora”, dissera, contemplando o neto com um misto de amor e nostalgia enquanto ele punha a mesa. Diego dera uma piscadinha, o que bastara para que o coração de Brenda batesse a toda a velocidade.

— Não sei se devo. — Francisco hesitou. — Acho que ele não vai me responder de novo. Além do mais, ele está em turnê. Hoje iam tocar na Cidade do México. Que horas serão lá? — Consultou o celular. — Devem estar no meio do show. O de Buenos Aires vai lotar. Vai ser em Vélez, em 4 de agosto. Não vejo a hora de esse dia chegar. Seria muito abuso pedir seu Instagram?

— Não tenho Instagram. Nem Twitter nem Facebook. — Ela riu diante da cara de espanto de Francisco. — Sim, eu sei, sou esquisita. Mas, se quiser, posso te dar o meu celular.

— Ótimo!

O garoto o salvou na lista de contatos como “Brenda do avião”.

— Em que bairro você mora? — perguntou Francisco. — Meu pai mora na Recoleta.

— Na verdade eu moro em Madri. Em Malasaña.

— Nem fodendo! Oops! — Ele cobriu a boca. — Desculpe.

— Sem problemas. Sim, eu moro em Madri.

— Eu moro no Retiro.

— Que luxo! — brincou Brenda, e Francisco deu de ombros.

— E em Buenos Aires — perguntou ele —, onde você fica?

— Minha casa fica em Almagro.

— Vai visitar sua família?

— Estou voltando porque minha avó está internada, muito mal.

— Que chato...

Ela ficou olhando para ele, incapaz de falar. Lautaro, seu irmão mais velho, havia ligado no dia anterior, de madrugada, para avisar que a avó materna deles havia sido internada com um quadro severo de pneumonia. Embora Brenda tivesse ficado triste, não se surpreendera; fazia dias que, devido a seu conhecido poder intuitivo, estava com um nó no peito e sonhava com a avó Lidia. Ali estava a resposta. Não queria pensar que chegaria tarde demais. Precisava calar a voz que lhe dizia que a hora de se despedir da avó se aproximava. Ela sabia bem que essa voz não estava



enganada; fazia parte dos dons (ou maldições) com que contava por ter nascido sob o signo de Peixes.

— Gosta de morar em Madri? — perguntou a ele, para mudar de assunto.

E Francisco a distraiu com suas histórias; não parou de falar nem quando serviram o café da manhã, faltando duas horas para a aterrissagem.

— O que você faz em Madri, Brenda?

— Sou assistente executiva e estudo astrologia e tarô.

Ela estava acostumada à reação das pessoas quando contava o que estudava.

— É para escrever o horóscopo nas revistas?

Brenda riu.

— Eu poderia fazer isso, mas o que me interessa são os outros usos da astrologia.

— Tipo quais?

— Conhecer a mim mesma e saber o meu destino. E conhecer os outros para compreendê-los.

— A astrologia serve para isso?

— Entre outras coisas.

— Parece legal. E o tarô? É com cartas, né?

— É parecido com a astrologia, só que são as cartas que falam da gente e do nosso destino. A astrologia usa a localização dos planetas no momento do nosso nascimento.

— Isso é meio bruxaria, não?

— Na realidade, é mágico, assim como tudo. Se você reparar, não temos respostas racionais ou lógicas para as coisas mais importantes.

— Tipo?

— De onde vem o ser humano e para que nós estamos nesta vida. Nós somos seres imortais? Para onde vamos quando morremos? Reencarnamos?

— Pois é, chato isso. Tem razão, nós estamos no escuro.

— De que signo você é, Fran?

— Sagitário, mas não faço a menor ideia do que isso significa. E você?

— Sou de Peixes — declarou ela, com fingida vaidade —, o melhor signo.

— O melhor?

— O mais complexo — explicou ela, rindo.

— Que coincidência! O DiBrama tem uma música muito legal chamada “Nacidos Bajo el Hechizo de Piscis”. Já ouviu?

A comissária se inclinou para retirar as bandejas e Brenda aproveitou para dar uma escapada até o banheiro. Com o necessário na mão, ficou no fim de uma fila de três pessoas. Não se incomodava de esperar. Deixaria o tempo passar para que Francisco esquecesse o que havia acabado de perguntar. Voltou depois de escovar o cabelo e se maquiar um pouco para disfarçar a noite insone, o choro e as emoções extremas.

— Uau! — exclamou Francisco ao vê-la. — Está uma gata.

— Obrigada — disse ela, e piscou ressaltando os cílios, toda metida. — Melhorei um pouco?

— Está ótima — confirmou o garoto, com seu jeito palhaço, que ela agora sabia que provinha de seu Sol em Sagitário. — Tem namorado? Aposto que tem — respondeu ele mesmo, de imediato.

— Estou saindo com uma pessoa, sim, mas é muito recente. E você, Fran, tem namorada?

— Não, mas gosto de duas meninas, uma de Madri, colega de escola, e outra de Buenos Aires, sobrinha da mulher do meu pai. Na verdade são três, porque tem outra que eu acho o máximo, mas é muito mais velha e duvido que vá me dar bola.

Brenda caiu na risada e imaginou que havia algum componente geminiano no mapa astral de Francisco que o tornava inconstante e encantador.

— Seria muito abuso se eu pedisse para a gente tirar uma foto?

— Imagina! E depois você pode fazer ciúme para as duas meninas — propôs ela, e deu uma piscadinha.

A foto foi parar no Instagram com um comentário. “Brenda, a companheira de viagem mais legal de todas.”